

INTERVALO ANALITICO



RENÚNCIA

MATÉRIA DA CAPA

Renúncia: singelo arco de coragem

*"Como psicanalizar em tempos tão pouco renunciantes?"
(Samantha Nigri)*

Renúncia, resignação e a vontade do leão

*"Essa renúncia é o que Nietzsche nos apresenta como 'vontade do leão' no Zarathustra, aquela vontade afirmativa que, em termos freudianos, diz não aos ganhos narcísicos das formações de compromisso e ao prazer daí oriundo."
(Alexandre Abranches Jordão)*

Por Samantha Nigri e Alexandre Abranches Jordão
Páginas 3 e 4

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Bruno Salésio da Silva Francisco

"Os 'Working Parties' são exercícios clínicos. Surgiram como uma necessidade de discussões grupais e como experiência revitalizadora da clínica psicanalítica."

Por Carlos Pires Leal
páginas 5 e 6

NA SBPRJ

Duas perguntas para Wania Cidade

"Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela."

Por Sandra Gonzaga
página 7

DIVAGAR É PRECISO

A Desumanização

"O leitor pode acompanhar Halla vivendo a imensa tristeza de compreender que não será mais uma criança espelho e o conflito de ser apenas uma, e crescer. Diferenciar-se de sua irmã ao mesmo tempo em que precisa lidar com o peso de manter viva a alma de Sigridur é parte fundamental na trajetória da personagem."

Por Ana Carolina Vieira
página 10



COMO SERÁ TERMINAR

Se é tão difícil começar, imagine como será terminar. (Louise Glück)



Nas Artes, muita atenção tem sido dada ao assim chamado estilo tardio de um artista, de um escritor, de um músico ou de um pintor, mas e quanto ao inelutável estilo final? Quando propriamente começa o último? Quão cedo é tarde demais para terminar? E quando chega o fim?

O escritor e ensaísta inglês Geoff Dyer analisa e compara sua entrada na meia-idade com os últimos dias e as realizações finais de artistas, atletas e pensadores da cultura em um livro cujo gênero escapa à definição, no qual a narrativa parece ir e vir ao sabor das associações livres do autor. A partir de situações como o colapso de Nietzsche, em Turim, ou os quartetos finais de Beethoven, o autor de *The last days of Roger Federer* (ainda sem tradução para o português) estabelece uma série de reflexões em torno das transformações que incidem sobre esses personagens e suas obras quando o fim está à vista. Em um breve exercício de imaginação, podemos estender o tema escolhido por Dyer à Psicanálise, desenvolvendo a ideia da renúncia e suas infinitas declinações, como a perda, o luto, a melancolia, o narcisismo, a pulsão de morte... Seria uma questão de casualidade, ou melhor, de causalidade a Primeira Guerra e a escrita de *Introdução ao narcisismo* ou a de *Luto e melancolia*? No caso de Freud, quais perdas pessoais poderiam ter sido não apenas vividas, mas antes pressentidas, e como essas incidiram sobre a obra que ainda estava por ser escrita? E os textos tardios, como, por exemplo, *Análise terminável e interminável* ou *Construções na análise*? O que anunciam, o que prefiguram, o que dizem sobre o fim? Como terminar? Saberemos quando chegar a hora? É possível continuar vivendo e criando com arte e engenho enquanto o fim se aproxima? Para meditar sobre essas questões em torno da

renúncia, Samantha Nigri, membro associado da SBPRJ, escreve na Matéria da Capa um texto que transita sensivelmente entre a metapsicologia e a poesia. O psicanalista Alexandre Abranches Jordão, vice-presidente da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), comenta sobre o parentesco da renúncia com a resignação e o conceito nietzschiano de vontade do leão.

Em Fazendo Parte da Psicanálise, o membro efetivo Carlos Pires Leal entrevista o membro titular e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas Bruno Salésio da Silva Francisco sobre os *Working Parties*, "uma experiência revitalizadora de escuta e investigação em Psicanálise" e o modelo dos Três Níveis.

Na SBPRJ, a editora Sandra Gonzaga e Silva entrevista Wania Cidade, membro efetivo com funções específicas do Instituto da SBPRJ, sobre sua trajetória institucional e a recente experiência como ex-presidente da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), sobre as conquistas e desafios da Psicanálise latino-americana a partir de sua liderança à frente da instituição que reúne atualmente 10 países, 36 federações, 2 línguas oficiais e mais de 5.000 membros no continente.

Na Coluna do Instituto, Ruth Naidin, atual presidente da SBPRJ e membro efetivo com funções específicas do Instituto, num texto de tom confessional e marcante, faz uma apreciação crítica e compartilha conosco as renúncias pessoais que precisou fazer em nome do exercício do poder à frente da nossa instituição, inclusive a de renunciar a ser presidente do seu ideal, mas ganhando com isso a presidência possível.

No Espaço dos Membros Provisórios e Alunos em Formação, o membro provisório William de Souza

Veira, numa espécie de desafio, aquela modalidade poética, escrita por um poeta ou cantor, em forma de disputa fictícia entre ele próprio e um outro Eu, comenta sobre a tarefa quase impossível da renúncia e o avesso dela.

Em Divagar é Preciso, Ana Carolina Vieira, aluna em formação, nos fala da narrativa ao mesmo tempo lírica e melancólica de *A desumanização*, do escritor português Valter Hugo Mãe. Na fria e inóspita Islândia, a menina Halla busca compreender e encontrar um sentido para a morte da irmã Sigridur. A partir de seu olhar infantil, ela nos guia por vivências de transitoriedade e perda das "crianças espelhos". O sofrimento do luto, a solidão e a frieza violenta da mãe se fundem com o ambiente desolador da Terra do Gelo, onde o desamparo da personagem não poderá ser superado propriamente, mas ressignificado a partir da relação com o pai, um homem "que escrevia poemas para descobrir aquilo que não sabia". E chegando ao final não de mais um número do Intervalo Analítico, mas do nosso tempo à frente desta publicação, a editora Sandra Gonzaga e Silva e eu, no difícil mas necessário exercício da renúncia, nos despedimos dos caros leitores que nos acompanharam ao longo desses 4 anos de editoria à frente do jornal da SBPRJ. Ao mesmo tempo, damos as boas-vindas aos queridos membros Maria Noel Brena Sertã e André Luiz Alexandre do Vale, respectivamente editora e coeditor a partir de 2025. À maneira de Winnicott, agradecemos aos nossos colegas e leitores que leram para nos ensinar.

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Sociedade Brasileira
de Psicanálise do
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:



@SBPRJ



@sbprjoficial



@CanaldevídeosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Danielle Grynszpan, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoreção:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

Presidente: Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Pszczol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Leticia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Carlos Pires Leal



Renúncia: singelo arco de coragem

“Se não há coragem, que não se entre.”

Essa frase, retirada do livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, escrita no arco de uma parede de um café em São Paulo chamado *Clarice café & cozinha*, me conectou ao tema da *renúncia em Psicanálise*. A história de amor da personagem principal que vive o desabrochar de sua feminilidade e o desfrute da vida erótica é atravessada pela capacidade visceral de Clarice Lispector de bordar, com palavras, verdadeiras tapeçarias entremeadas de escolhas, esperas, dores e faltas da vida.

Escrever é um ato de renúncia e de caminhos. E nesse ir e vir, não deve ter sido à toa o nome dado aos personagens: ela é Lóri, de Loreley, nome da ondina que seduzia os pescadores no Reno, segundo a mitologia germânica. Ele é Ulisses, nome do famoso personagem de Homero, que resiste ao canto das sereias amarrado em um mastro... Nessa tensão entre o que devemos conhecer de nós mesmos, do mundo e os perigos – por vezes mortais – que permeiam essa exploração, transita o texto de Clarice.

Sobre o livro, não renunciem, leiam! Sobre a espécie de coragem necessária para renunciar, pensemos. Não é sobre o *sacrifício* das renúncias no plano consciente que versa esta prosa...

O que vem à mente psicanalítica *morde* e impele a todos, queiramos ou não, nos recônditos de nossas vidas psíquicas. Se existimos enquanto sujeitos pensantes – uns mais, podendo inclusive flunar na poesia, nas invenções e nas belezas da vida; outros quase nada e, por isso, escoando pelos ralos das latrinas violentas da humanidade – renunciemos em maior ou menor medida ao pulsional que nos habita. Essa renúncia pulsional está enredada no plano intersubjetivo. Nasce da relação entre os seres humanos. Nasce, portanto, da cultura.

Com a introdução do conceito de *pulsão de morte* que teria como meta *conduzir a*

inquietude da vida à estabilidade do estado inorgânico (Freud, 1924) e, com ele, a importância do intrincamento pulsional no processo de subjetivação humana, Freud potencializou a função da pulsão de vida e suas conexões afetivas como aquela que tumultua o curso natural de nossa existência rumo ao inanimado. Em sua insistente fixação aos objetos, sempre a partir de seu flerte sedutor com a pulsão de morte que a auxilia nas partidas necessárias para novos destinos, Eros nos permitiria percorrer caminhos mais complexos e desviantes do nosso juízo final, renunciando às descargas pulsionais mais diretas para criar e prolongar novas vias de satisfação: desabrocha a simbolização.

Na *tábua da beirada* desse insano quarto de século que nos varre a galope com estarrecedoras previsões, textos como *O mal-estar na cultura* (1930) marcam que tanto a vida psíquica quanto a social nasce dessa renúncia resultante do impedimento direto da satisfação pulsional. Mas fica um *restinho*, nos condenando a uma eterna sensação de *mal-estar* que tentamos digerir ou despejar... O que chamamos de sublimação ocorre com um grau de renúncia pulsional mais rebaixado, com um trânsito mais fluído entre aquilo que é necessário segurar, conter e, dependendo do momento, transformar. Já o sintoma é a marca de uma renúncia pulsional excessiva, uma espécie de poeira viva e nefasta que fica por debaixo de nossos tapetes íntimos e que nos impede de transitar livremente pelos territórios mais simbólicos, aqueles que são ricos de uma *palavrinha-antídoto* para a humanidade: *o entre*.

Entre é uma preposição escassa e valiosa hoje em dia... Representa algo que está *a meio de dois espaços, de dois tempos, de duas situações, de duas ou mais pessoas...* E onde há esse intervalo, há a chance para o nascimento entre palavras, entre línguas, entre diferentes gentes, entre

aquilo que temos de bom e aquilo que nos impele a destruir.

Como psicanalisar em tempos tão pouco renunciantes?

Analisar-se é um ato de coragem. E quem envereda pelos caminhos de fazer Psicanálise, além de estudá-la, como dizia Bion, encontra dores e pavores em mares desconhecidos. As embarcações são singelas como o divã, dispositivo do século passado que cuida de algo especial: a escuta analítica. O analista entrega-se ao seu próprio processo de análise no qual terá a oportunidade de desconhecer-se... Como escreveu Luciana Saddi, *quem renuncia escolhe ter um buraco dentro de si*. Assim, como seres renunciantes e portadores de nossos próprios buracos, poderemos deixar os (r)enunciados dos outros nascerem em sua alteridade mais genuína.

Referências:

Freud, S. *O Problema econômico do Masoquismo* (1924). In: Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 288, Editora Autêntica, 2016.

_____. *O mal-estar na cultura* (1930). In: Obras Incompletas de Sigmund Freud, Editora Autêntica, 2020.

Lispector, C. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Paim, A. M & Paim Filho, I. A. *O simulacro narcísico da branquitude e a ausência da barreira da compaixão*. In: Revista Cult, ano 26. Agosto 2023. Edição 296.

Saddi, L. <https://www.sbbsp.org.br/blog/renuncia/>

// Samantha Nigri
sanigri@uol.com.br

Renúncia, resignação e a vontade do leão

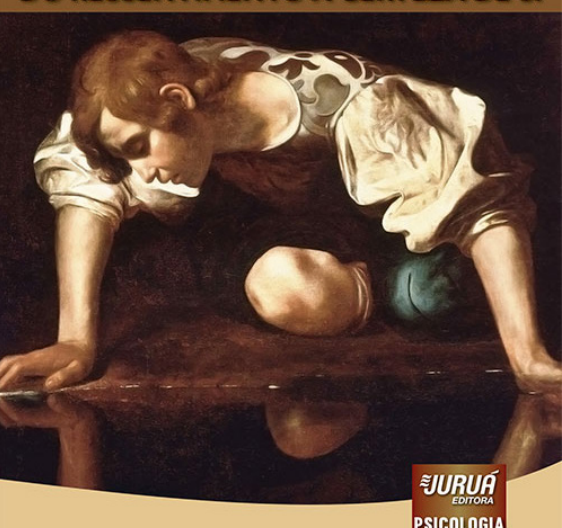


Há um sentido específico do termo "renúncia" que remete diretamente ao trabalho clínico e ao percurso de toda análise minimamente produtiva. É a renúncia ao gozo do sintoma e aos arranjos narcísicos que buscam perpetuá-lo.

O termo "renúncia" é utilizado por Freud em uma passagem bastante interessante de "Totem e tabu" devido ao contexto conceitual no qual aparece e porque permite articulá-lo diretamente com o trabalho clínico e com algumas formulações originais de Friedrich Nietzsche. Esta articulação entre autores tem aqui o sentido de ilustrar enfaticamente um dos aspectos fundamentais de toda análise, e que tem a ver com um tipo específico de renúncia que implica um certo luto, também ele específico, pois renuncia-se a aspectos particulares de seu próprio eu e a arranjos psíquicos que, enquanto formações de compromisso, são a um só tempo conflitivos, angustiantes e prazerosos.

Alexandre Abranches Jordão

NARCISISMO DO RESENTIMENTO À CERTEZA DE SI



JURUÁ
EDITORA
PSICOLOGIA

"O contato com a realidade se faz por uma renúncia gradual, mas jamais total à onipotência narcísica."

O contexto em que Freud o utiliza nesta passagem é deveras importante. Freud fala em renúncia no capítulo 3 de "Totem e tabu", talvez o mais rico e propositivo desta obra. É ali que ele apresenta as três cosmovisões da humanidade sobre o pano de fundo do narcisismo. Ainda que a noção de narcisismo só alcance o estatuto de conceito em 1914, aqui ele já surge como elemento teórico fundamental no entendimento dos graduais e hesitantes movimentos do sujeito e da própria espécie humana em direção à afirmação do princípio de realidade. O contato com a realidade se faz por uma renúncia gradual, mas jamais total, à onipotência narcísica. É o que Freud chama de resignação, para concluir em seguida: "...vislumbramos desde já que a organização narcisista nunca se resignará integralmente. O ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois que encontrou objetos externos para sua libido..." (Freud, 1911-13, p. 92).

Trata-se de um gradual descentramento narcísico que permite tanto ao sujeito quanto à própria humanidade abdicar da onipotência dos pensamentos mágicos da fase animista em favor de um reconhecimento cada vez mais resignado de parcelas de sua própria impotência nas duas fases posteriores, culminando com sua quase completa anulação na fase científica do desenvolvimento humano: "...e a fase científica teria seu pleno correspon-

dente no estado de maturidade do indivíduo que renunciou ao princípio do prazer e, sob a adaptação à realidade, busca seu objeto no mundo externo" (id., p. 93).

Neste sentido – e considerando o quanto a noção de maturidade do indivíduo corresponde, no pensamento freudiano, à sua concepção de saúde, por oposição à neurose como um infantilismo psíquico – tem-se uma direção clínica incontornável, ainda mais considerando-se que o eu é, ele mesmo, um sintoma (Freud, 1923). Uma diretriz clínica que é, ao mesmo tempo, um desafio considerável para o analista: como promover, no sentido de tornar possível para aquele indivíduo que se encontra em análise, que ele empreenda a essa renúncia?

Esta renúncia é o que Nietzsche nos apresenta como "vontade do leão" no "Zaratustra", aquela vontade afirmativa que, em termos freudianos, diz não aos ganhos narcísicos das formações de compromisso e ao prazer daí oriundo. Ela é o movimento essencial na superação de si mesmo e, como o ser humano é o único animal capaz de tal feito, não fazê-lo seria um atentado à própria vida, que se apequena e se envenena nas artimanhas mesquinhas de manutenção dos arranjos sintomáticos da neurose.

Referências:

Freud, S. (1913 [1912-13]). *Totem e tabu*. In Obras completas, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997, v. XIII, p. 1-164.

_____. (1923) *El yo y el ello*. In idem, v. XIX, p. 1-87.

Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1989, 6ª edição.

// Alexandre Abranches Jordão

Psicanalista, vice-presidente da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro – SPCRJ, doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ), autor do livro "Narcisismo: do ressentimento à certeza de si" (Ed. Jurua, 2009), membro do Conselho Consultivo do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sandor Ferenczi. aajordao@uol.com.br

Entrevista com Bruno Salésio da Silva Francisco



Working Parties:

uma experiência revitalizadora de escuta e investigação no campo da Psicanálise.

A clínica criativa é o tema de reflexão desta edição do *Fazendo Parte da Psicanálise*. O nosso convidado é o colega Bruno Salésio da Silva Francisco, membro titular e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas; membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e consultor do Comitê de Observação Clínica da IPA. Bruno foi o responsável pela edição do então Boletim de Notícias, nos anos 80, na nossa Sociedade. Ao conversar sobre o tema em questão, Bruno revitaliza a ligação com suas queridas e saudosas origens psicanalíticas: José Cândido Monteiro de Barros Bastos, Rosa Beatriz Pontes de Miranda, Paulo Marchon, entre tantos outros, que muito o estimularam e ensinaram sobre as instituições psicanalíticas. O nosso convidado nos fala sobre uma experiência de pensar a clínica de uma forma diferente: os *Working Parties*. Esse dispositivo ganha evidência nos nossos congressos, mas funcionam o ano todo, tanto no Brasil como fora dele, e tem trazido um impacto positivo sobre a forma de transmitir a Psicanálise.

Bruno, você pode começar por definir o que são e como surgiram os *Working Parties* (WP)?

Os WP são exercícios clínicos. Surgiram como uma necessidade de discussões grupais e como experiências revitalizadoras da clínica psicanalítica. No último congresso da FEPAL, no Rio, em outubro de 2024, foram oferecidas várias modalidades de WP: *As Teorias do Inconsciente na Mente do Analista; Métodos Clínicos Comparados da América Latina; Escuta da Escuta; Modelo dos Três Níveis; Especificidade do Tratamento Psicanalítico Hoje; Microscopia da Sessão Analítica e Constelações Pulsionais e Subjetivação*. Cada um tem uma metodologia e um objetivo

próprio. Nos congressos europeus e norte-americanos de Psicanálise também são oferecidas essas atividades.

Como você trabalha e pratica o modelo dos Três Níveis (3-LM), pode detalhar as características dessa modalidade?

O modelo dos Três Níveis surgiu em 2011 e foi criado pelos colegas Ricardo Bernardi e Marina Altmann de Litvan, ambos da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU). Está focado na observação e nas transformações (ou não-transformações). O termo *transformações* é usado num sentido amplo como sinônimo de todas as mudanças que poderiam acontecer no transcurso de uma análise. Usa-se um material clínico de, pelo menos, três anos de trabalho psicanalítico, tempo tido como um parâmetro adequado para se avaliar transformações ou não-transformações.

Você pode exemplificar em termos mais práticos como ocorre o trabalho?

Ele começa pela recomendação de leitura prévia de todo o material clínico, antes da atividade grupal. Cada participante usa um formulário no qual avalia os graus de mudança que ele percebeu. Em seguida, desenvolve-se uma atividade grupal que conta com um ou dois moderadores, um apresentador do material clínico e um relator (encarregado de tomar notas suscintas da discussão grupal). São 12 horas de trabalho, distribuído em três módulos de quatro horas cada um, o que resulta em um dia e meio de trabalho. O apresentador do material clínico o lê, perante todos os participantes, os quais, de imediato, constatarem que a leitura solitária e individual leva a uma avaliação diferente da avaliação que cada participante tem, ao escutar a leitura do mesmo

material pelo apresentador.

Por que o método facilita o desenvolvimento da reflexão e da pesquisa?

A reflexão é estimulada por abarcar níveis distintos de discussão do material: o Nível Fenomenológico, as dimensões diagnósticas e da mudança e as diferentes hipóteses teóricas explicativas dos participantes. O Nível Fenomenológico visa o relato do que mais ressoou dentro de cada participante na leitura do material clínico integral, bem como o que cada um acha de como o analista trabalhou este ponto (*anchor point*), como ele foi trabalhado pelo analista, se houve transformações ou não. O moderador cuida para que a discussão ocorra dentro de uma teoria pessoal de apreensão, naquele momento, e não dentro de uma teoria oficialmente conhecida. Estimula-se uma participação de observador, com uma teoria pessoal *ad hoc*, no ato da observação. Por isso, este nível se chama fenomenológico. Na avaliação das dimensões diagnósticas e da mudança, procura-se compreender o funcionamento global do paciente predominantemente dentro de um nível saudável, um nível neurótico, um nível borderline ou um nível psicótico. No Nível 3, discute-se as diferentes hipóteses teóricas explicativas por parte dos participantes, do trabalho do analista em relação ao texto do material clínico (não se trata de supervisão!), a influência de teorias implícitas ou explícitas presentes na discussão. Discute-se também em que medida as ideias do trabalho grupal foram úteis para conceitualizar as dimensões das mudanças e como as hipóteses explicativas teóricas são suficientes para compreender as mudanças.

Como é considerado o impacto das di-

“...A aproximação ao material clínico, sem uma teoria prévia, traz um inusitado clima de liberdade e comemoração [para os candidatos].”

versas escolas e teorias psicanalíticas na dinâmica dos WP?

Cada participante pode trazer suas teorias próprias usadas habitualmente no seu trabalho clínico. É comum entre os participantes um clima de comparação entre o que cada um faz, sem muita consciência, no seu dia a dia clínico e o que foi descoberto durante a discussão do material clínico, em comparação com a opinião dos outros participantes. Faz parte a discussão de outras teorias explicativas que poderiam ser usadas.

Quais são os eixos/temas em desenvolvimento atualmente no Brasil e como tem funcionado?

Não há um eixo específico para cada WP em si. Já foram realizados estudos clínicos visando examinar a mudança do material clínico por meio da evolução de metáforas, com vista a uma publicação de metodologia acadêmica. Em 2023, foram publicados dois estudos multicêntricos no *International Journal of Psychoanalysis*.

Os WP poderiam inspirar e contribuir para a transformação dos modelos pedagógicos dos programas curriculares dos institutos de Formação Psicanalítica?

Em algumas Sociedades Psicanalíticas (Portugal, Argentina, Alemanha) já se usa o 3-LM como parte da grade curricular nos seus Institutos. Minha experiência pessoal como moderador é de que, quando a maioria dos participantes é composta por candidatos, a aproximação ao material clínico, sem uma teoria prévia, traz um inusitado clima de liberdade e comemoração, em comparação a um fenômeno institucional não raro, da existência de grupos teóricos (“igrejinhas”)

que se apresentam como autoritários e indutor de submissão na transmissão da Psicanálise.

De que forma os dispositivos grupais facilitam e enriquecem as discussões aprofundadas no campo da investigação em Psicanálise – e o desenvolvimento criativo da própria Psicanálise?

Na medida em que o grupo de participantes consegue embrenhar-se por um caminho de teorias individuais, o campo heurístico expande-se, frequentemente aprofunda-se na direção de estados psíquicos mais primitivos. Consequentemente, ocorre um fenômeno de entendimento do papel da teoria no trabalho psicanalítico: a teoria como um produto contextual, epocal, provisório e facilitador de um nível de cientificidade entre psicanalistas. As transformações são compreendidas e explicadas dentro da construção das próprias teorias, num mecanismo retroalimentador de aplicação, verificação e eficácia das mesmas.

No último congresso da FEPAL e no ano passado, no Congresso Brasileiro de Psicanálise, os WP foram muito procurados. Quais seriam os motivos desses dispositivos de pesquisa serem relativamente pouco difundidos no Brasil?

Como experiência em expansão, acredito que o crescente interesse por esse tipo de atividade se deve à necessidade e ao interesse que cada analista tem de reciclar permanentemente seu lugar de profissional, por uma busca ética, em relação ao seu trabalho e ao resultado do mesmo. O Modelo dos Três Níveis já foi realizado em Sociedades de alguns países: Brasil (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Sociedade Psicanalítica de Pelotas, Sociedade Psicanalítica de

Mato Grosso do Sul, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Sociedade Psicanalítica de Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Sociedade de Psicanálise de Brasília, Sociedade Psicanalítica de Campinas, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia); em outras cidades e países, como: Montevideo, Buenos Aires, Mendoza, Bogotá, Santiago de Chile, Lima, Praga, Madrid, Barcelona, Lisboa, Toronto, Montreal, Boston, Chicago, Austin, São Francisco, Nova York, Londres, Cartagena, Cannes e em Israel, além de Florença, no Congresso da Federação Europeia de Psicanálise, e, no Brasil, em Campinas, no Congresso da Febrapsi. O Modelo também tem sido realizados como adjunto a congressos da IPA, da FEBRAPSI, da *American Psychoanalytic Association* (APSA) e da *European Psychoanalytic Federation* (EPF). Até o momento, foram publicados os livros *Time for Changing. Tracking Transformations in Psychoanalysis – The Three-Level Model* (pela Karnac Books, em inglês, em 2014, e em espanhol *Tiempo de Cambio: Indagando las Transformaciones en Psicoanálisis. El Modelo de los Tres Niveles* (2015); *Change over time and how changes can be observed in Psychoanalysis*, (2017); *Change Through Time in Psycho-analysis* (Routledge, 2021); *Clinical Research in Psychoanalysis* (Routledge, 2021).

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com





Duas perguntas para Wania Cidade

Fale-nos sobre a sua trajetória institucional a partir da presidência da SBPRJ e das experiências nos cargos que exerceu.

As experiências que eu vivi no ambiente psicanalítico foram importantes para minha formação como psicanalista, refletiram na minha subjetividade e me orientaram para o que viria depois. Cada passo a seu tempo teve valor e importância formativa, o que não significa que foram fáceis. Na vida institucional lidamos, entre outras coisas, com demandas e com movimentos políticos, que raramente caminham para lados convergentes, exigindo administração e escuta atenta a todos os envolvidos no assunto que você está liderando. Vivi situações muito ricas e diversas, cada uma delas significou um aprendizado que me deu mais confiança para me ocupar da tarefa seguinte. Depois da presidência da SBPRJ fui convidada para participar da diretoria da Febrapsi, 2019-2021, que funciona de forma diferente da gestão das Sociedades, que são instituições de formação, construídas por nós, os seus membros, são o nosso lugar de origem, no qual temos intimidade com os colegas; é a nossa casa. Uma federação congrega várias Sociedades, as demandas são coletivas e provenientes de cada uma delas, o que determina um funcionamento próprio, que visa atender a essa coletividade. No início da minha participação nessa diretoria, houve uma crise que, após algum tempo, foi superada e nova chapa se formou para a qual voltei a ser convidada, junto com colegas da diretoria anterior, em um clima que valorizava a transparência, a cumplicidade, o trabalho integrado. Fui, então, exercer a função de Diretora de Comunidade e Cultura. Eu tinha um propósito quando aceitei; penso que a minha vida foi direcionada para algumas ideias muito caras para mim. Uma delas tem a ver com quem eu sou, com a minha negritude, por ser uma mulher negra e considerar que todos nós, de alguma forma, temos que fazer movimentos que propiciem mudanças no modo como funcionamos, um modo muito distante da realidade da população brasileira na qual, além de outros bens essenciais, poucas pessoas têm acesso à Psicanálise. Ações como o *Estamos ouvindo* ou como o *SOS Brasil*, criado por Alicia Lisondro

- SBPSP, na pandemia, inicialmente para ajudar a população de Manaus e que se ampliou para várias regiões do Brasil, funciona com o apoio da Febrapsi e o seu primeiro elo com a Federação foi promovido por mim como Diretora do Departamento de Comunidade e Cultura.

A Febrapsi foi a primeira instituição da qual participei da diretoria fora da SBPRJ. Penso que essa participação foi bem-sucedida por entender que era importante que eu estivesse em uma posição de poder para criar alguns mecanismos que arejassem a instituição no que dizia respeito ao acesso à formação e à discussão sobre o racismo. Encontrei na diretoria, especialmente na presidente Cintia Xavier de Albuquerque, um apoio enorme, o que permitiu que as ideias do grupo *Equidade* (Carlos Frauzino, Claudia Carneiro, Eloá Bittencourt, Ignácio Paim, Paola Amendoira, Teresa Lopes e eu) fossem abarcadas pela Febrapsi. Criamos a comissão de *Psicanálise, Racismo e Práticas Antirracistas*, que se expandiu por outras Sociedades no Brasil.

Qual a relação desses movimentos com a implantação do Programa Social Racial na SBPRJ?

O nosso projeto começou a ser redigido em 2020 na gestão de Ana Sabrosa, quando eu estava na Febrapsi. Em 2021, na gestão de Lúcia Palazzo, foi implantado. Lúcia me convidou para fazer parte do Conselho Diretor e para criar algo relacionado ao projeto. Então, criamos a comissão de *Estudos Críticos sobre Racismo, Relações Raciais e Descolonização do Pensamento*, por dois anos recebemos em torno de 20 intelectuais negros dos vários campos do saber, trazendo as suas ideias sobre a questão do racismo no Brasil. Além disso, realizamos cursos que, para mim, sustentavam a razão e os objetivos do Programa Social Racial, ainda que tenham atingido um grupo pequeno da Sociedade. É importante ressaltar que não se faz ação afirmativa sem o compromisso político e ideológico com a história do Brasil, incluindo a ideia de reparação dessa história. As iniciativas da SBPRJ e da Febrapsi foram se expandindo. Hoje, temos quatro Sociedades cujos programas raciais já

foram implantados. Também houve repercussão em outras Sociedades e escolas psicanalíticas, aqui no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, que iniciaram projetos inspirados nos nossos. Esse movimento deu visibilidade ao nosso trabalho e culminou com a minha indicação, feita por Lúcia Palazzo, para a presidência da Fepal. Os presidentes das Sociedades filiadas à Febrapsi e à Fepal endossaram o meu nome. Na presidência da Fepal, 2022-2024, formei um grupo bastante heterogêneo, oriundo de vários países da América Latina, porém, com afinidade de pensamento. A nossa proposta, por uma *Psicanálise Democrática*, teve como eixos o racismo, a diversidade sexual e de gênero e as migrações, questões de toda a América Latina. Houve um engajamento importante, com a realização de um curso que resultou no livro *Uma questão de cor*. Todo esse trabalho frutificou com a realização do Congresso com enorme sucesso em termos da extensa e variada programação, a partir de seu tema *Intolerância, Fanatismo e Realidade Psíquica*, resultado do trabalho de aproximar as Sociedades da Fepal.

Penso que o que mais me movia, nessas experiências institucionais, era o fato de ser mulher negra, de ter tido a minha vida transformada pela Psicanálise e de saber do pouco acesso que a minha população tem a essa disciplina, de ter a consciência do sofrimento que as pessoas enfrentam para alcançar uma graduação de peso. Há uma frase usual entre as mulheres negras que diz: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela". É interessante porque eu me movi e muitas coisas se moveram a partir do meu movimento...

// Sandra Gonzaga e Silva
gonzaga.sagon@gmail.com





Renúncia

Não há de ser difícil entender o motivo pelo qual me pediram, a mim, presidente-quase-ex-presidente-da-SBPRJ, para escrever no Intervalo Analítico sobre Renúncia.

Depois de quatro assembleias sem que ninguém se apresentasse para assumir a presidência, eu me apresentei. Estava renunciando aí às ideias cômodas de que eu não tinha jeito, nem tempo, nem interesse, nem desejo, nem competência, nem experiência, nem, nem, todas, em parte, verdade, mas, ainda assim, cômodas. A presidência é uma exigência para o existir da instituição como o são milhares de coisas na vida. Alguém tem que assumi-las.

Fui eu desta vez.

Renunciei, ainda sem saber muito bem, ao tempo livre, ao não ter que fazer nada nos domingos, à ideia de

que alguém está encarregado tomando conta e que se pode relaxar, como idealizamos que seja na infância. Renunciei muitas vezes a poder estar calmamente em família, por causa das limitações de horário ou excesso de compromissos e de tarefas. Mas me dou conta de que houve, nesse caso, uma contrapartida feliz.

Eu adotei como família e me senti igualmente adotada por um grupo de amigos, também da direção da Sociedade, que estavam vivendo a mesma coisa nesse mesmo momento, de modo que não estranhavam o excesso de trabalho, não questionavam, nem reclamavam. Apenas estavam junto trabalhando, que era o nosso modo de conviver e de ser família, e isso foi muito bom!

Para poder ser presidente, eu tive ime-

diatamente que renunciar a ser a presidente do meu ideal, como eu disse antes, e aceitar que eu seria a presidente do meu jeito, a presidente possível. Mas o meu jeito se preocupava em eu ser bem-aceita e querida, um desejo frequente nas mulheres. Como é possível conciliar a tomada de medidas duras e decisões difíceis, ser sincera, dizer não, fazer cumprir regras e ainda querer ser querida e bem-aceita? Foi duro, mas me libertei do velho anseio, renunciei; pelo menos, em parte, desisti dele – e fiz o que achei que tinha que fazer.

Nesse aspecto, tive a aprovação de mim mesma e até um certo orgulho por não ter fraquejado. E, como essa é uma coisa que se realimenta, creio que estou saindo diferente do outro lado.

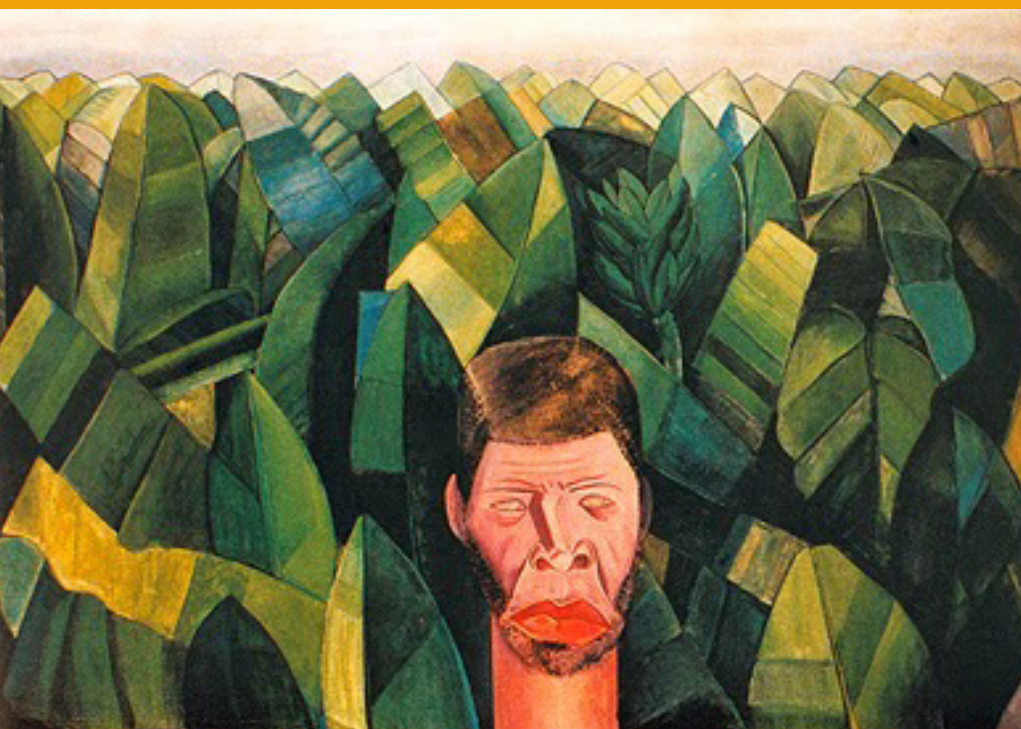
Eis que chegamos ao final da gestão, mal me acostumei e lá vou eu: renunciar novamente a tudo a que me acostumei e vivi intensamente.

Além dos excessos, renunciar também às coisas boas da presidência, como ter conhecido pessoas, a Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI, a Federação Psicanalítica da América Latina – FEPAL e a *International Psychoanalytic Association* – IPA, e ter entendido melhor essas estruturas meio misteriosas que nos cercam, mas das quais não conseguimos nos aproximar propriamente; ter tido uma experiência em gestão, muito diferente de tudo antes na minha vida; ter recebido carinho em palavras de apreço e reconhecimento, enfim, alimentos narcísicos necessários que me ajudaram na tarefa.

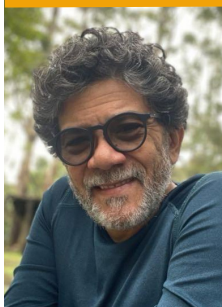
Tudo valeu a pena!

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com



Lasar Segall. *Banana* (1927).



O Averso da Renúncia

A minha renúncia

Enche-me a alma e o coração de tédio

A tua renúncia

Dá-me um desgosto que não tem remédio

Amar é viver

É um doce prazer, embriagador e vulgar

Difícil no amor é saber renunciar.

(Letra de Mário Rossi e Roberto Martins)

A pequena epígrafe traz o refrão de uma canção imortalizada na voz de Nelson Gonçalves, chamada *Renúncia*, tema deste Intervalo Analítico.

Difícil no amor e na vida é saber renunciar, mas por que a renúncia precisa ser vista, ou marcada, como se sempre fosse um desgosto?

Durante os últimos 34 anos, fui e ainda sou – e talvez nunca deixarei de ser – professor, educador. Mas, hoje, quero muito mais ser um psicanalista: é isso que me dá o prazer doce e embriagador de viver.

Durante um curto período eu pensei que deveria renunciar a minha trajetória e experiência como professor, pesquisador, escritor, para ser psicanalista, como se toda essa bagagem e experiência não estivessem entranhadas em meu corpo, meu Eu.

A descoberta foi e é assustadora: não preciso e, realmente, não desejo renunciar a tudo isso para apenas ser um psicanalista. O que percebo, ao longo do processo, é que tenho renunciado, a cada dia, à sedução da facilidade de abandonar tudo o que fui e ainda sou. E essa renúncia não tem marca de desgosto, mas de aprendizado, de crescimento pessoal.

A renúncia à sedução de desistir me faz transitar por lugares que me desafiam a continuar e não me deixar levar, em certos momentos, pelo desânimo de não se sentir acolhido e, até mesmo, compreendido. A sensação de ainda não ser reconhecido me inspira a seguir, procurando expressar sentimentos e sensações no

poema:

O peso do pensamento que ele carrega

o trouxe de volta para o chão,

carregado de sentimentos, tensos,

confusos, ignorados em algum tempo e

lugar.

O olhar para os lados revela

O que a mente não consegue

compreender, sede de desejo,

encarnada na diferença cotidiana.

A cada caminho cruzado,

a cada hora contada, ficam

as palavras construídas naquela

noite que se revelou diferente.

E o peso das palavras nasce

Daquele sentimento que não

ignora o incompreendido e

Sem o alcance do normal.

A minha indiferença virou arrepio

Contido num grito preso, ainda

No peso dos meus pensamentos

Que não me deixam acordar.

O Olhar que não identifica o

Que a mente reconhece como

Usual, familiar e estranho

Se consome nas horas perdidas

E o peso dos pensamentos te despertam

Para um novo olhar que atravessa

Tudo que um dia achávamos que

Era compreensão, domínio, certeza.

Agora sentindo-se livre das amarras

Que sua mente criou

consegue ver, olhar, entender além do espelho

que salta à frente dos seus olhos.

E esse chão que sempre corria

Longe dos seus pés aparece como

miragem eterna, impossível de

ser entendido, como água que distorce.

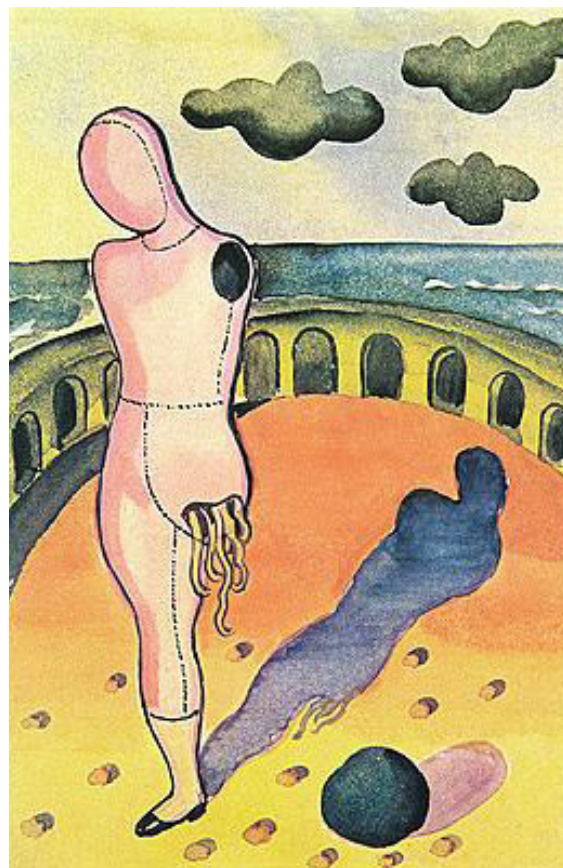
E o espelho se quebra, enquanto os

Pensamentos virão plenos, leves como

Palavras cantadas, como uma

Miragem que revela o que antes era estranho.

// **William de Souza Vieira**
williamdevieira@gmail.com



Ismael Nery. *Resignação diante do irreparável.*



A DESUMANIZAÇÃO

Valter Hugo Mãe
Ed. Biblioteca Azul

O que vem à sua cabeça quando pensa em desumanização? Para Valter Hugo Mãe, "a morte é a supressão de toda humanidade" e a tristeza tem o poder de desumanizar. "A desumanização" é seu sexto romance; nele, o autor compartilha um pouco de sua história e seu imaginário em torno do falecimento de seu irmão. Quando nasceu, seu irmão Casimiro já havia falecido, e durante sua infância achava, como comenta nas notas de seu livro, que os meninos mortos seriam como carochos e poderiam fazer nascer pessegueiros, já que pêssegos tinham pele. Halla é uma menina de apenas 11 anos que vive o luto da perda e a separação definitiva de sua irmã gêmea, Sigridur. A criança espelho, como é chamada pelo autor, é a narradora e personagem principal desse belo romance que tem os inóspitos e gélidos fiordes islandeses como cenário.

"Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra". Da criança plantada, a menina acredita que algo irá germinar, sua irmã permaneceria viva, seria possível visitá-la e sentir sua presença. No entanto, o falecimento de Sigridur coloca Halla diante de uma dor profunda. O leitor pode acompanhar Halla vivendo a imensa tristeza de compreender que não será mais uma criança espelho e o conflito de ser apenas uma, e crescer. Diferenciar-se de sua irmã ao mesmo tempo em que precisa lidar com o peso de manter viva a alma de Sigridur é parte fundamental na trajetória da personagem.

"Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim

um bonsai. Peço-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar."

A menos morta, como Halla passa a ser conhecida, é condenada por sua mãe a salvar a alma de Sigridur. Carregando duas almas, a mãe espera que a menina renuncie, viva como duas, e siga em aliança na dor. A frieza e rejeição da mãe são violentas. Uma mulher devastada pela morte da filha vivendo um luto impossível, uma melancolia interminável, se autoflagela e penaliza Halla por não se multiplicar.

A menina encontra conforto no pai. Halla e seu pai criam uma relação de cumplicidade que permite que a elaboração daquela experiência de dor seja menos mortificante. O pai, segundo a menina, escrevia poemas para descobrir aquilo que não sabia. É um homem dos livros e das palavras que tentava acolher a filha em seu luto. Mas as palavras parecem não ser suficientes para Halla. Valter Hugo Mãe descreve de maneira muito sensível a angústia que a menina vive ao sentir que as palavras, assim como o pai, não são capazes de apaziguar sua dor e angústia. *"Dizer Sigridur não fazia companhia"*.

Halla, durante a história, descobre sentimentos, experimenta as palavras e encontra na entrada da adolescência uma saída possível para a dor que toma conta de sua família. A aceitação da morte da irmã contradizia a família, mas a salvava.

Acredito que Valter Hugo Mãe seja um desses autores capazes de captar e registrar em palavras, com muita beleza e generosidade, o sofrimento humano. Utilizando-se de uma linguagem estética, plástica, o autor caracteriza os personagens e comunica ao leitor

imagens e sentimentos vívidos, a senhora acesa, o senhor apagado, a tia ursa etc. "A desumanização" é uma obra que toca o leitor, a dor do luto, a tristeza profunda, a humanidade e o encontro com aquilo que desumaniza estão presentes neste livro e na história dessa pequena menina que vive a perda de sua irmã gêmea enquanto luta para não renunciar a sua existência.

// Ana Carolina Vieira

anacaroldiasvieira@gmail.com

